

## O futebol e a sociedade brasileira em crônicas de Luis Fernando Veríssimo

Football and Brazilian Society in Luis Fernando Veríssimo's short stories

**Carlos Augusto Carneiro Costa**

U. Federal do Sul e Sudeste do Pará, São Félix do Xingu/PA, Brasil  
Doutor em Letras: Estudos Literários

**RESUMO:** Um conjunto de crônicas de Luis Fernando Veríssimo enfoca o futebol na esteira da vida cotidiana no Brasil como tema derivante de aspectos ligados ao "autoritarismo socialmente implantado" (Pinheiro, 1991). A crônica "Recapitulando" foi possivelmente escrita às vésperas da Copa do Mundo de 1998. As crônicas "Marginais vermelhos", "Memória", "Respire fundo", "Os omissos" e "Desilusões", foram publicadas no contexto das eleições presidenciais de 2018. O presente estudo enfatiza a relação entre essas crônicas e a memória da ditadura militar de 1964. Apresenta o ambiente político das eleições de 2018 e alguns elementos próprios do autoritarismo que emergem dos textos como traços sintomáticos de uma fantasmagoria do terror. Portanto, o objetivo é examinar a maneira como traços da estrutura social brasileira, a exemplo da violência de estado e do autoritarismo, são articulados com o futebol e processos políticos recentes. O explícito diálogo entre futebol e literatura, realizado por meio do humor característico da crônica de Veríssimo, enseja a possibilidade de melhor compreender o modo como a sociedade brasileira se relaciona com seu passado ditatorial e a maneira como esse passado insiste em se fazer presente nos dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica; Futebol; Memória; Ditadura Militar; Luis Fernando Veríssimo.

**ABSTRACT:** A set of short stories by Luis Fernando Veríssimo focuses on football in the context of everyday life in Brazil as a theme derived from aspects related to "socially implanted authoritarianism" (Pinheiro, 1991). The short story "Recapitulando" was possibly written on the eve of the 1998 World Cup. The short stories "Marginais vermelhos", "Memória", "Respire fundo", "Os omissos" and "Desilusões" were published in the context of the 2018 presidential elections. The study emphasizes the relationship between these short stories and the memory of the 1964 military dictatorship. It presents the political context of the 2018 elections and some elements of authoritarianism that emerge from the texts as symptomatic traces of a phantasmagoria of terror. Therefore, the objective is to examine the way in which traits of the Brazilian social structure, such as state violence and authoritarianism, are articulated with football and recent political processes. The explicit dialogue between football and literature, carried out through the humor characteristic of Veríssimo's short story, gives rise to the possibility of better understanding the way in which Brazilian society relates to its dictatorial past and the way in which this past insists on being present today.

**KEYWORDS:** Short story; Football; Memory; Military Dictatorship; Luis Fernando Veríssimo.

## NOTA INTRODUTÓRIA

Em uma crônica publicada no dia 04 de novembro de 2018, intitulada “Marginais vermelhos”,<sup>1</sup> Luis Fernando Veríssimo menciona um discurso proferido por Jair Messias Bolsonaro, em São Paulo, há A poucos dias da eleição para presidente, em que o então candidato ameaça eliminar ou banir os “marginais vermelhos” do país. No contexto da fala, “Marginais vermelhos” configura-se como uma expressão pejorativa usada para se referir a políticos e eleitores do PT, o Partido dos Trabalhadores. Diante do discurso, em elevado grau de ironia, Veríssimo se diz preocupado porque ele se identifica com a cor vermelha, pois torce para o time de futebol *Internacional*, de Porto Alegre, cujo uniforme oficial é vermelho. Também se identifica como marginal, uma vez que, segundo ele, as “crônicas são notações e comentários na margem das notícias, uma espécie de *pichação literária*, e eu faço crônicas”.

Os vocábulos “marginal”, “vermelho” e “pichador”, no contexto da crônica, articulam-se dentro de um mesmo campo semântico caracterizado pela ambiguidade. Essa ambiguidade é construída pelo próprio cronista, uma vez que retira a negatividade dos termos ao associar “marginal” com a profissão de escritor, “vermelho” com a cor predominante do clube de futebol para o qual torce, e ao afirmar-se “pichador literário”, pois o ato de pichar distorce a imagem, exigindo um olhar mais atento do observador. Porém, mais do que distorcer, a pichação, tal como descrita pelo autor, promove um novo plano de leitura, aquele talvez jamais imaginado pelo leitor, que o cronista tem a habilidade construir. Esse deslocamento de sentido é responsável pela produção do riso. A ironia é essencialmente ambígua.<sup>2</sup> O humor irônico será marca fundamental da crônica desse importante escritor gaúcho.

Há mais de meio século, Veríssimo escreve crônicas que tematizam diversos assuntos, sobretudo questões ligadas à realidade histórica brasileira. Sua produção não escapa ao que é visto pela crítica como unanimidade entre os cronistas

---

<sup>1</sup> VERÍSSIMO. *Marginais vermelhos*.

<sup>2</sup> BRAIT. *Ironia em perspectiva polifônica*, p. 98.

brasileiros: o tratamento literário dado a acontecimentos do cotidiano, tal como o discurso de Bolsonaro.

Enquanto gênero literário, desde o século XIX, a crônica é constituída pela ambiguidade.<sup>3</sup> Soma-se a isso a frequente representação de antagonismos sociais que também são formalmente estruturados na linguagem. O caso evocado acima apresenta, de um lado, por meio da perspectiva do referente (Jair Bolsonaro), uma visão autoritária, conservadora e excludente da sociedade brasileira. Do outro lado, na perspectiva do narrador, que na prática é a figuração textual do próprio autor, apresenta uma atitude de resistência.<sup>4</sup> O deslocamento de sentido dos referidos termos ridiculariza o discurso do candidato à presidência. Diante de um ato de fala que também se mostra ambíguo (afinal, eliminar ou banir os “marginais vermelhos” pode significar, entre outras coisas, expulsão do país, prisão ou até mesmo assassinato), a atitude do cronista demonstra coragem e sua produção apresenta mais um traço singular: a transgressão. É nesse terreno ambíguo, antagônico e transgressor que boa parcela da produção literária de Veríssimo se concentra, sobretudo aquela que diz respeito ao *corpus* deste estudo.

O recorte histórico tematizado pelas crônicas escolhidas de Veríssimo apresenta-se sob o ângulo do tempo presente como fantasmagoria. A transição da ditadura para a democracia ocorreu em 1985, mas seus efeitos permanecem “em nossa estrutura jurídica, em nossas práticas políticas, em nossa violência cotidiana, em nossos traumas sociais que se fazem sentir mesmo depois de reconciliações extorquidas”.<sup>5</sup> Por um lado, essa permanência se deve à incapacidade que o Brasil tem de elaborar o passado, de fazer justiça em relação a crimes cometidos pelo Estado autoritário. Por outro, a simpatia que boa parcela da população brasileira tem pela presença dos militares no poder garante legitimação social da continuidade de suas práticas. Nesse sentido, conforme Edson Teles e Vladimir Safatle, o Brasil incorre no risco de ser uma daquelas sociedades destinadas “a repetir o que são incapazes de elaborar”.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> CANDIDO. A vida ao rés do chão.

<sup>4</sup> BOSI. *Literatura e resistência*.

<sup>5</sup> TELES; SAFATLE. *O que resta da ditadura*, p. 9.

<sup>6</sup> TELES; SAFATLE. *O que resta da ditadura*, p. 9.

## O CONTEXTO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2018

O ano de 2018 no Brasil forneceu matéria de grande relevância não apenas para o campo da política interna e externa do país, mas também para o campo cultural. Em todo o território nacional, foram realizadas eleições para governadores, deputados estaduais e federais, senadores e presidente da República. Como é sabido, duas chapas polarizaram a disputa para o cargo de presidente.

De um lado, tivemos a chapa da coligação “O povo feliz de novo”, formada pelo Partido dos Trabalhadores, que trouxe o candidato Fernando Haddad como presidente, e o PCdoB (Partido Comunista do Brasil), com Manuela D’Ávila, como vice. É importante dizer que a chapa teve tal formação porque o Partido dos Trabalhadores, usando de todos os recursos disponíveis, tentou oficializar a candidatura do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva que, como também é sabido, foi julgado e condenado por suposto crime de corrupção e lavagem de dinheiro.

Do lado oposto, tivemos a chapa formada pelo deputado federal e Capitão da reserva do exército Jair Messias Bolsonaro, do PSL (Partido Social Liberal), como candidato a presidente, e o General da reserva do exército Hamilton Mourão, do PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro), como vice. Nos dois turnos disputados, Bolsonaro e Mourão foram vitoriosos, com uma expressiva diferença de aproximadamente dez milhões de votos contabilizados somente no segundo turno.

Bolsonaro venceu as eleições com uma retórica de caráter fascista e que vinha sendo disseminada desde as eleições presidenciais de 2014, quando a ex-presidenta da república Dilma Rousseff foi reeleita, e ganhou mais densidade em 2016, na ocasião de seu processo de *Impeachment*. Objetivamente, o então candidato construiu e disseminou um discurso de ódio contra minorias étnicas (negros, índios e nordestinos), homossexuais, mulheres, membros do Partido dos Trabalhadores, professores, organizações sindicais e de ativistas políticos.

Os pilares de sustentação de sua campanha foram conduzidos por um discurso que manifestava: a) a necessidade de proteção da família brasileira, cujo núcleo estaria ameaçado, segundo Bolsonaro, pelo crescimento do número de homossexuais e pela regulamentação de casamento entre pessoas do mesmo sexo; b) a necessidade de implementação de políticas de segurança pública que

combatessem o crime organizado de forma indiscriminada, ainda que inocentes fossem mortos; c) a necessidade do culto à pátria; e d) a exacerbação da figura divina como força determinante e responsável por suas ações políticas.

Uma síntese de um conjunto de declarações de Bolsonaro pronunciadas ainda em campanha eleitoral permite ilustrar o teor autoritário e fascista com que pretendia governar o país: “1. O erro da ditadura foi torturar e não matar”; “2. Não vou estuprar você porque você não merece”; “3. Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”; “4. Mulher deve ganhar salário menor porque engravida”; “5. Pinochet devia ter matado mais gente”; “6. Eu sou favorável à tortura, tu sabes disso. E o povo é favorável a isso também”; “7. Através do voto você não vai mudar nada nesse país, só vai mudar quando um dia nós partirmos para uma guerra civil, fazendo o trabalho que o regime militar não fez, matando uns trinta mil, começando pelo FHC. Se vão morrer uns inocentes, tudo bem”; “8. Gostar de homossexual, ninguém gosta. A gente suporta”.<sup>7</sup>

#### ANÁLISE DAS CRÔNICAS

Prestes a iniciar mais uma cobertura de copas do mundo, desta vez a de 1998, na França, Veríssimo escreveu a crônica “Recapitulando”,<sup>8</sup> em que sintetiza a trajetória da seleção brasileira de futebol ao longo de sete copas do mundo (1970, 1974, 1978, 1982, 1986, 1990 e 1994). A história brasileira percorrida ao longo de 28 anos pode ser pensada, do ponto de vista político e econômico, a partir da atuação da seleção brasileira nas referidas edições, com altos e baixos, apoteose e ostracismo.

A respeito da Copa do Mundo de 1970, Veríssimo destaca o contexto político ditatorial como condicionante de um sentimento contraditório, uma atitude ambígua, principalmente do ponto de vista daqueles que se opunham aos militares no poder. Porque torcer pelo Brasil, no México, era torcer a favor dos militares comandados pelo General Emílio Garrastazu Médici. Ao mesmo tempo,

<sup>7</sup> Trechos de declarações veiculados pela grande mídia ao longo de 2018.

<sup>8</sup> O texto utilizado neste estudo está publicado no livro *Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol*, de 2010. Entretanto, sua publicação original parece ter ocorrido em 1998, pouco antes de iniciar a Copa do Mundo na França. A construção narrativa dá pistas para essas afirmações. Logo no início, Veríssimo alude a um período de 28 anos de Copa do Mundo, a começar pela de 1970. Não tivemos acesso ao texto publicado em jornal.

desejar a derrota de Pelé e companhia em razão de correção de ordem ética era uma atitude das mais difíceis. Nesse contexto, era impossível torcer sem fazer uso dos diversos recursos linguísticos de conjunções adversativas. Boa parcela da população brasileira tinha motivos para torcer a favor e motivos para execrar. Impasse constituído. De acordo com a crônica,

Vivíamos numa espécie de clandestinidade clandestina, na medida em que a clandestinidade oficial era a guerrilha. Mas, que diabo, a seleção também era do outro Brasil, da nação sofrida tanto quanto do Estado mentiroso, e assim como o Saldanha aceitou ser técnico e disse de cara quais eram as 11 feras titulares, nós também nos empolgamos. Pra frente, apesar de tudo, Brasil.<sup>9</sup>

Aliado a esse sentimento patriótico em torno da seleção brasileira, pairava no país a euforia em torno do suposto “milagre econômico”. Em 1974, tal euforia já havia arrefecido, do mesmo modo como a euforia em torno da seleção brasileira também arrefeceu, pois a “mediocridade” do governo ditatorial (agora o presidente era Ernesto Geisel) andava em sintonia com a “mediocridade” da seleção brasileira. Aqui não se tratava exatamente de um impasse, de um antagonismo, mas de uma desilusão generalizada. A Copa do Mundo na Alemanha exigiu dos torcedores brasileiros o senso de resignação:

Na Copa de 74, o Brasil ainda vivia sob um regime militar, mas tínhamos uma forte razão sentimental para torcer pela seleção: era uma seleção tão medíocre que inspirava a caridade [...]. Médici tinha sido substituído por Geisel e, neste caso, a mediocridade era um estágio acima.<sup>10</sup>

Em 1978, na Argentina, a seleção brasileira tinha em seu comando um militar, Cláudio Coutinho, que teria incorporado ao futebol canarinho regras e métodos próprios da tecnocracia ditatorial da época, o que, conforme Veríssimo, fracassou diante do talento dos jogadores argentinos e do aporte de seu governo ditatorial. Tal fracasso só não foi pior porque, metonimicamente, representou também o fracasso do governo militar. Novamente, a desilusão foi completa: “A tecnocracia não merecia sobreviver às suas bobagens. Nem na seleção, nem no governo”.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 109.

<sup>10</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 110.

<sup>11</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 112.

A seleção brasileira da Copa do Mundo de 1982, na Espanha, era vista como uma das melhores de todos os tempos. A euforia com a seleção coincidia com os últimos anos da ditadura. Foi o último mundial disputado sob o regime militar. Por razões culturais, vencer aquela Copa poderia dar a impressão de que o governo merecia permanecer no poder. Perdê-la, considerando a qualidade dos seus jogadores, seria mais uma tragédia. O impasse foi resolvido com a frustração. Novamente, a desilusão foi ratificada:

Há quem diga que o triunfalismo das televisões brasileiras foi responsável, se não pela derrota em 82, então pela frustração arrasadora que veio depois, quase igual à de 50. Mas tanto o triunfalismo quanto a frustração se justificam; esperava-se muito daquele time do Telê [...]. O fato é que, como num folhetim antigo, fomos derrotados pela soberba.<sup>12</sup>

Em 1986, novamente no México, Veríssimo destaca que a seleção brasileira era uma seleção em declínio, indo na contramão do “milagre” econômico promovido pelo Plano Cruzado (Plano de Estabilização Econômica – PEE), do então presidente José Sarney. Derrota e frustração determinaram não apenas o fracasso da seleção, como também a instabilidade econômica que se seguiu ao ano da copa vencida novamente pela Argentina, desta vez com a ajuda da famosa “mano de Diós”. Conforme Veríssimo: “Nova derrota, nova frustração e uma leve suspeita de que continuávamos sendo os melhores do mundo, mas que já era tempo de provarmos isso na prática, senão o pessoal ia começar a desconfiar”.<sup>13</sup>

A Copa do Mundo de 1990, na Itália, teria sido o mundial que o Brasil não ganhou sem ser humilhado, a menos que se considere humilhação ser eliminado por 1 x 0 pelos seus principais rivais, os argentinos. Conforme Veríssimo, “o Brasil não ganhou nem bem nem mal e perdeu sem ser humilhado”,<sup>14</sup> o que pode ser compreendido com certo grau de estabilidade alcançado desde o último título conquistado, até então, em 1970. De acordo com Veríssimo, a seleção de 1994 começou com a de 1990. Quando tudo parecia ter desmoronado novamente; quando as esperanças em torno de um país chamado Brasil e de uma seleção

---

<sup>12</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 112.

<sup>13</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 113.

<sup>14</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 114.

brasileira de futebol pareciam ter se apagado diante do gol de Claudio Caniggia em Taffarel e da crise econômica dos primeiros anos da década de 1990, a conquista do tetracampeonato mundial na Copa de 1994 nos Estados Unidos, diante da Itália, foi um antídoto reconfortante, cujos efeitos durariam aproximadamente oito anos, até a conquista do último título mundial, até aqui. Segundo Veríssimo, “as gerações do nosso futebol depois de 70 seguiram a sequência que alguém já identificou como um ciclo reincidente na História: da Idade dos Deuses para a Idade dos Heróis para a Idade do Homem Comum”.<sup>15</sup>

De 2006 para cá, incluindo-se aqui a Copa de 1998, na França, euforia e frustração, ilusão e desilusão (esse antagonismo aporético) parecem dominar as nossas expectativas, tanto do ponto de vista político, quanto do ponto de vista esportivo, em se tratando de seleção brasileira de futebol.

Na crônica “Memória”,<sup>16</sup> publicada no dia 20 de setembro de 2018, dezessete dias antes do primeiro turno da eleição presidencial, Veríssimo faz uma aproximação entre o período da ditadura militar e o período eleitoral, alertando para o perigo do ressurgimento do fascismo não apenas no Brasil, mas no mundo. Expressando-se em primeira pessoa, descreve situações em que alguns de seus textos foram censurados pelos militares apenas por haver mencionado nomes de políticos contrários ao regime e por mencionar o nome de Darwin em uma crônica sobre a teoria da evolução. Denomina de “guerra suja” a prática de tortura e extermínio de opositores ao regime de 64 e menciona o fato de que, apesar da truculência, diversas notícias sobre esses acontecimentos vinham a público. Como em um monólogo, Veríssimo pergunta-se: “Por que estou lembrando, de novo, aqueles tempos?” Sua resposta parece ser direcionada a um universo indeterminado de sujeitos que teriam a consciência ofuscada pela história oficial do país, condição fundamental para a aceitação e legitimação de práticas fascistas.

Diante dessa situação, o autor elabora uma segunda pergunta, de forma indireta: “a questão é o que fazer com a memória”. Três caminhos possíveis são apontados: 1) *negar* que a ditadura tenha acontecido; 2) *justificar* o apoio a Bolsonaro pela simpatia pela ditadura; e 3) *mudar* a abordagem da história,

---

<sup>15</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 114.

<sup>16</sup> VERÍSSIMO. Memória.

passando a lê-la a partir da perspectiva dos vencidos, e não dos vencedores. Com isso, Veríssimo faz um alerta aos leitores de modo geral para a necessidade de lembrar do que ocorreu durante a ditadura militar, a fim de que possam intervir no processo eleitoral. Isso só pode ocorrer, conforme o texto deixa subentendido, por meio da memória: “A memória daqueles tempos e o que fazer com ela tem muito mais relevância, nessa próxima eleição, do que se imagina”. Encerra com um apelo também dirigido aos leitores para quem a ditadura teria, supostamente, caído no esquecimento: “Quem não se lembra precisa ser lembrado”.

A crônica “Respire fundo”,<sup>17</sup> publicada no dia 02 de outubro (cinco dias antes do primeiro turno), retoma o modelo de análise comparativa entre passado e presente, delineado na crônica “Memória”, mas, desta vez, constrói sua argumentação na base de outros dois paralelos: *existência x morte*; *democracia x ditadura*.

Nos dois primeiros parágrafos, o autor faz uma aproximação semântica entre os termos “existência” e “democracia”, ressaltando a importância de se estar vivo e a necessidade da preservação de um estado de direito democrático. A mesma aproximação é feita entre os termos “morte” e “ditadura”, vistos como alternativas para os respectivos termos “existência” e “democracia”.

No terceiro e último parágrafo, Veríssimo dá visibilidade à diferença existente entre as duas alternativas para a existência e para a democracia. Segundo ele, da experiência da morte não há retorno e ele não teria: “a menor curiosidade para saber como é a alternativa para existir”. Porém, da experiência da ditadura, de um regime totalitário, é possível ter volta e, diz ele, “com uma lição aprendida”.

Objetivamente, o autor simula um diálogo com um possível leitor capaz de compreender o contexto do processo eleitoral brasileiro e a ameaça de retorno de um governo com características fascistas. O título da crônica é dirigido a esse leitor, em tom imperativo (respire fundo!), dando destaque para a tensão existente há A poucos dias da eleição. O texto é encerrado com as palavras do título, deixando ainda mais clara a presença de um interlocutor que, teoricamente, partilha do pensamento do autor. Entretanto, em dois momentos, Veríssimo parece

---

<sup>17</sup> VERÍSSIMO. Respire fundo.

se direcionar a leitores sem memória ou para quem o recente e violento passado brasileiro teria caído no esquecimento.

No primeiro deles, o autor diz: “[...] e *quem* tem saudade dela [a ditadura] precisa ser constantemente lembrado de como foi”. Aqui ele chama a atenção para a necessidade de uma educação da memória, de esclarecimento constante sobre a ditadura como estratégia que leve o leitor a escolher entre uma perspectiva ligada à vida e à democracia, e outra ligada à morte e à ditadura.

No segundo momento (terceiro parágrafo), Veríssimo se reporta a dois tipos de leitores. De um lado, aqueles que não viveram durante o regime militar e, portanto, não teriam lembranças dolorosas. Do outro lado, o autor situa os leitores que, segundo ele, viveram durante a ditadura e compreendem sua dimensão catastrófica. Para Veríssimo, essa segunda instância de leitores estaria mais propensa a rejeitar um candidato com perfil autoritário, justamente porque é testemunha ocular dos anos de autoritarismo: “Pior do que uma geração sem idade para se lembrar como foi são os que sabem como foi aquele tempo e querem repeti-lo”. Em ambos os casos, a reivindicação da memória da ditadura funciona como um apelo à escolha pela vida e pela democracia, e não por vias alternativas.

Na crônica intitulada “Os omissos”,<sup>18</sup> publicada no dia 01 de novembro de 2018, alguns dias após o segundo turno da eleição presidencial, Veríssimo projeta uma situação futura previsível, em que figuras públicas e partidos políticos que se omitiram em apoiar a candidatura de Fernando Haddad para presidente terão que fazer autocrítica sobre sua atuação no presente: “No fim, o ódio ao PT foi maior que o amor pela democracia”, diz o autor. A crônica encerra com a referência ao A um discurso proferido por Bolsonaro, em São Paulo, ocasião em que anunciou o banimento dos “‘marginais vermelhos’ do território nacional”.

Aludindo à dificuldade de identificação dos supostos “marginais vermelhos” para proceder ao banimento, em elevado tom de ironia, Veríssimo sugere “que se costure uma estrela vermelha na roupa dos marginais, para identificá-los”, e acrescenta dizendo que “deu certo em outros países”.

---

<sup>18</sup> VERÍSSIMO. Os omissos.

Mesmo sem especificar em quais países a prática deu certo, um determinado leitor é inevitavelmente levado a estabelecer relações com a Alemanha nazista, quando judeus eram identificados por uma estrela amarela gravada em suas roupas. Obviamente, a sugestão não tem sentido aqui, a não ser que seja considerada dentro de um campo semântico mais amplo, que leve em conta não apenas o texto na íntegra, mas a própria trajetória intelectual do autor, caracterizada pela crítica, na maioria das vezes em tom humorístico, a qualquer forma de poder autoritário.

A referência à prática nazista como algo que “deu certo” não ambiciona elogiar o totalitarismo, tampouco ofender o povo judeu, mas sim, ironizar e ridicularizar Bolsonaro, seu discurso e seu próprio eleitorado. Além disso, a aproximação feita entre o anúncio do extermínio dos “marginais vermelhos” e o genocídio judeu não tem outra intenção que não seja alertar para o perigo que o Brasil corria com a eleição do então militar da reserva.

A crônica “Desilusões”,<sup>19</sup> publicada no dia 08 de novembro, é formalmente elaborada por meio de um procedimento intertextual que põe em diálogo trechos de um famoso samba intitulado “Dança da solidão”, de autoria de Paulinho da Viola, lançado em 1972 (em plena ditadura), e uma série de eventos situados em um intervalo de tempo que inicia com o fim da ditadura e a redemocratização do Brasil, em 1985, e culmina com a eleição de Bolsonaro, em 2018.

A canção, que de forma sutil alude à precariedade da experiência histórica brasileira do período ditatorial, apresenta um “eu” que lamenta pelos fracassos na vida amorosa e se recorda de um conselho dado pelo pai, que dizia: “Quando eu penso no futuro / Não esqueço o meu passado”.<sup>20</sup> A recomendação não é mais do que um alerta sutil para que o filho, sempre que tomar decisões que irão determinar seu futuro, que as tome tendo como parâmetro seu passado de desilusões.

Migrando desse universo pessoal para o universo coletivo, Veríssimo faz referência à *ilusão* com a eleição de Tancredo Neves, primeiro presidente civil depois da ditadura, e a *desilusão* que se seguiu com sua repentina e misteriosa morte; à *ilusão* com Fernando Collor de Melo e *desilusão* com seu impeachment por

---

<sup>19</sup> VERÍSSIMO. Desilusões.

<sup>20</sup> VIOLA. Dança da solidão.

corrupção; à *ilusão* com o PT e a *desilusão* com políticos em geral; à *ilusão* com a conquista do título de Copa do Mundo dentro do Brasil e a *desilusão* com os 7 x 1 contra a Alemanha; à *ilusão* e *desilusão* com a seleção de Tite.

Ao mencionar a eleição de Bolsonaro como presidente da república, Veríssimo mostra-se profundamente *desiludido* com a escolha, “com a votação maciça para presidente, de um homem notoriamente despreparado para o cargo, por eleitores *desiludidos* e *iludidos*”. Por fim, menciona a *ilusão* de boa parcela da população em torno da seriedade do trabalho do juiz Sérgio Moro junto à Operação Lava-Jato e a *desilusão* com o pedido de exoneração do cargo de juiz e o aceite ao convite de Bolsonaro para assumir o Ministério da Justiça. Tanto Bolsonaro quanto Moro eram aclamados em 2018 como mitos e heróis nacionais por seus correligionários. De modo irônico, Veríssimo afirma que “até os mitos desiludem”.

A parte final da crônica é basicamente constituída por uma crítica ainda mais incisiva àqueles que elegeram Bolsonaro. Por meio da ironia, Veríssimo supõe que ele e os leitores que compartilham de suas ideias teriam sido acometidos por um estado de loucura que os levou a crer que houve ditadura no Brasil: “Foi tudo um delírio, vamos esquecê-lo. Rubens Paiva, Stuart Angel, Vladimir Herzog, Manoel Fiel Filho e as centenas de supostos desaparecidos podem voltar. Acabou a farsa”. A lista dos nomes de militantes políticos mortos pela ditadura e a menção aos desaparecidos, seguida de um convite ao retorno à vida, funcionam como estratégia de confrontar discursos negacionistas da ditadura, como os constantemente proferidos por Bolsonaro.

Em síntese, a crônica parece sugerir que há um parâmetro para se pensar no futuro do país, após a eleição de Bolsonaro. Esse parâmetro seria a constante existência de um conjunto de processos políticos e expectativas criadas em torno do “novo”, do “diferente”, mas que fracassam, produzindo um profundo sentimento de *desilusão* em boa parcela da sociedade brasileira. Essa constante alternância entre ilusão e desilusão se configura como um antagonismo social, um profundo impasse na sociedade brasileira que tem impactos desastrosos em seu desenvolvimento. Assim, a reiteração desse antagonismo formal no texto pode ser entendida como mecanismo estruturante da própria sociedade brasileira.

## COMENTÁRIOS FINAIS

De modo geral, as crônicas apresentadas são reunidas em torno da memória da violência da Ditadura Militar e em torno da eleição de Bolsonaro, suas declarações fascistas e o risco de que a história sangrenta se repita. Quase sempre quando o futebol é tematizado, as reflexões não deixam de estabelecer pontos de contato com práticas autoritárias. A preservação da memória do passado violento como meio de evitar a repetição é tema bastante caro a Veríssimo. Em muitas de suas obras escritas décadas antes das eleições de 2018, o autor já alertava para a dificuldade que o Brasil tem de lidar com os problemas de seu passado, de preservar sua memória e construir bases amplas e sólidas de reflexão e luta contra o esquecimento.

A eleição de Bolsonaro foi em parte condicionada pela batalha entre a memória e o esquecimento. Qual dos dois foi o vencedor? A resposta ainda parece obscura. Veríssimo afirma que é difícil compreender como pessoas que viveram durante a ditadura e, por isso, têm memória dela, votaram em Bolsonaro. Neste caso, a resposta seria a de que a memória venceu a batalha. Mas essa memória, ao invés de provocar repulsa, perturbação, inquietação, choque e conseqüente reflexão crítica sobre o passado, ela é predominantemente saudosista.

A segunda parte da música mencionada por Veríssimo na crônica “Desilusões” parece escapar à sua análise crítica, talvez por razões óbvias de adequação ao tema. Mas- uma breve passagem de olhos em um dos trechos pode ser suficiente para aproximá-lo da questão tratada: “Apesar de tudo, existe / Uma fonte de água pura / Quem beber daquela água / Não terá mais amargura”.<sup>21</sup>

Talvez por estar profundamente *desiludido* com mais de cinquenta milhões de brasileiros que elegeram Bolsonaro, Luis Fernando Veríssimo tenha fechado os olhos para esse belo trecho do samba que estimula a manutenção da esperança, alude à superação das dificuldades e à solução afirmativa dos impasses entre *ilusões* e *desilusões*. Se tivesse considerado a passagem em seu texto, provavelmente diria que tudo o que o povo brasileiro precisa é achar o caminho dessa fonte. Mas sua negatividade crítica parece ser mais potente. Ilusão e

---

<sup>21</sup> VIOLA. Dança da solidão.

desilusão são constitutivas da estrutura formal das crônicas analisadas e parecem constituir a própria estrutura da sociedade brasileira. A participação da seleção brasileira em cada edição de Copa do Mundo incorpora esse antagonismo formal.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. “Narrativa e resistência”. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão”. **Revista Suplemento**. Edição Especial: A maioria da crônica. Org.: Humberto Werneck. Secretaria de Estado de Cultura. Belo Horizonte, 2012, p. 34-37.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. “Autoritarismo e transição”. **Revista USP**, 1991.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. “Recapitulando”. In: \_\_\_\_\_. **Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, pp. 109-115.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Marginais vermelhos. **Estadão**. São Paulo, 04 nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3RrRniu>. Acesso em: 01 dez. 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Memória. **Estadão**. São Paulo, 20 set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3RoMuGI>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Respire fundo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 out. 2018. Disponível em: <http://glo.bo/4cfSBFa>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Os omissos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 nov. 2018. Disponível em: <http://glo.bo/4bWFxF2>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Desilusões. **Estadão**. São Paulo, 08 nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/4cliNOG>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VIOLA, Paulinho da. “Dança da solidão”. In: \_\_\_\_\_. **A dança da solidão** (Disco). Odeon, 1972.

\* \* \*

Recebido em: 31 dez. 2023.  
Aprovado em: 14 jun. 2024.